

ULRICH ALEXANDER BOSCHWITZ

O Passageiro

Edição definitiva
de um caso literário internacional.

«Este romance é um milagre.»

Süddeutsche Zeitung



cavalo de ferro

Nota da edição alemã

O texto dactilografado que constitui a base original deste romance começou a ser escrito em Novembro de 1938. Logo a seguir aos pogroms ocorridos na Alemanha que ficaram conhecidos como Noite de Cristal e marcaram o início da perseguição sistemática aos judeus.

Por essa altura já o autor, então com apenas vinte e três anos, conseguira escapar-se. Foi no Luxemburgo e decerto também em Bruxelas que, no espaço de poucas semanas, escreveu o romance acerca do comerciante judeu Otto Silbermann, que começa por perder os seus bens, a seguir a sua dignidade, até por fim perder também o juízo.

Foi após um percurso meandroso que, na década de 1960, o texto original, dactilografado e escrito em alemão, acabou por ir parar a Francoforte do Meno, onde ainda hoje se encontra guardado, no Arquivo do Exílio da Biblioteca Nacional Alemã.

Surge agora, pela primeira vez, publicado em língua alemã. Já que naqueles tempos as circunstâncias não permitiram a Ulrich Alexander Boschwitz que o seu manuscrito fosse trabalhado numa editora – em conjunto com o seu editor ou um revisor literário, como seria habitual –, o texto foi agora, volvidos quase oitenta anos sobre o momento em que o autor o deu por concluído e com a concordância da família, cuidadosamente editado, de modo a conferir a esta comovente e impressionante obra uma forma que lhe faça justiça.

*Peter Graf,
Berlim, Outono de 2017*

Becker levantou-se, pôs o charuto sobre o cinzeiro, abotoou o casaco e, de seguida, com um gesto benévolo, assentou a mão direita sobre o ombro de Silbermann.

– Então fica bem, Otto. Creio que amanhã já estarei de volta a Berlim. Qualquer coisa que seja necessária, ligas-me então para Hamburgo.

Silbermann acenou afirmativamente com a cabeça.

– Faz-me só um favor... – pediu ele. – Não vás outra vez jogar, tens demasiada sorte no amor. Além do mais, deitas a perder... o nosso dinheiro.

Becker, irritado, soltou uma gargalhada.

– Porque não dizes «o meu dinheiro»? – perguntou. – Por acaso já alguma vez eu...?

– Não, nada disso – apressou-se Silbermann a interrompê-lo. – É só uma brincadeira, sabes bem, mas ainda assim é verdade que consegues ser bastante imprudente. Quando comesças a jogar, tão depressa não acabas. E se antes disso tiveres ido receber este cheque...

Silbermann interrompeu a frase, prosseguindo depois num tom mais calmo.

– Confio em ti plenamente. Afinal de contas, és uma pessoa sensata. Ainda assim, acho que cada marco que deixas na mesa de jogo é mesmo um desperdício. E, sendo nós parceiros de negócios, ver-te perder o teu dinheiro é para mim tão desagradável quanto seria perder o meu próprio.

O rosto largo e bondoso de Becker, que por momentos adoptara umas rugas mal-humoradas, aliviou a expressão.

– Não precisamos de nos iludir, Otto – respondeu ele num tom agradável. – Quando eu perco, é óbvio que estou a perder o teu dinheiro, já que não tenho nada de meu. – Soltou uma risada contida.

– Somos parceiros – repetiu Silbermann com ênfase.

– Claro que sim – concordou Becker, adoptando de novo uma expressão séria. – E por que razão falas então comigo como se ainda fosse teu empregado?

– Melindrei-te? – perguntou Silbermann. No tom das suas palavras transpareceu uma vaga ironia e um ligeiro sobressalto.

– Que disparate! – exclamou Becker num tom insinuante. – Velhos amigos como nós somos! Três anos na frente ocidental, vinte de colaboração, a trabalhar sempre unidos... Ó homem, não és capaz de me deixar melindrado, quando muito um pouco irritado.

Voltou a assentar a mão no ombro do outro.

– Otto – explicou ele, com um tom enérgico na voz –, nestes tempos de incerteza, neste mundo confuso, apenas podemos confiar numa coisa, a amizade. A verdadeira amizade entre homens! Deixa-me que to diga, meu velho, para mim és um homem a sério. Um homem alemão, não um judeu.

– Ah, mas sou mesmo, sou judeu – insistiu Silbermann.

Conhecia a predilecção de Becker por palavras mais vigorosas do que propriamente providas de tacto e receava que, dada essa sua maneira de se exprimir, simultaneamente rude e afectuosa, este pudesse vir a perder o comboio. Becker, porém, vivia então um daqueles seus minutos repletos de sensibilidade e não prescindia de um segundo que fosse.

– Quero ainda dizer-te mais uma coisa... – anunciou ele, sem sequer prestar atenção ao nervosismo do amigo, diante de quem já por diversas e porventura demasiadas vezes abrira o seu coração. – Sou nacional-socialista. Deus sabe que nunca to escondi. Se fosses um judeu como os outros, enfim, um verdadeiro judeu, talvez tivesse continuado a ser teu procurador de negócios, mas jamais me tornaria teu sócio! Não sou um desses góis que

emprestam a sua reputação, nem pensar, mas a verdade é que és um ariano no corpo errado, estou convencido disso. Eh, rapaz, nós os dois no Marne, no Yser, no Somme! E venham agora cá dizer-me que tu...

– Gustav, ainda perdes o comboio! – exclamou Silbermann, interrompendo o outro, enquanto olhava em redor, em busca do empregado.

– Quero lá saber do comboio – declarou Becker e voltou a sentar-se. – Quero beber mais uma cerveja contigo – acrescentou, comovido.

Com o punho, Silbermann aplicou uma pancada breve na mesa.

– Olha, por mim podes até continuar a beber no vagão-restaurant – replicou, já agastado. – Tenho de ir para uma reunião.

Becker arquejou, ofendido.

– Como queiras, Otto... – retorquiu ele, condescendendo. – Se eu fosse anti-semita, dificilmente admitiria esse teu tom marcial. Não o admito de todo! A ninguém! A não ser a ti.

Voltou a levantar-se, pegou na pasta que estava pousada sobre a mesa e, a sorrir, exclamou:

– E diz-me ele que é judeu...!

Foi com um espanto fingido que Becker abanou a cabeça, voltou a acenar para Silbermann e deixou então a sala de espera da primeira classe.

O amigo ficou a vê-lo afastar-se. Silbermann constatou com inquietação que Becker balançava um pouco à medida que ia avançando, esbarrava contra as mesas e mantinha uma postura rígida, como sempre ficava quando já estava seriamente embriagado.

«Não lhe assentou nada bem...», pensou Silbermann. «Deveria ter continuado como procurador de negócios. Quando ocupava esse cargo, era um tipo de confiança, taciturno e decente, um excelente colaborador. Mas a sorte que teve não lhe assenta. Oxalá não acabe por estragar o negócio! Desde que não se ponha a jogar...»

Silbermann franziu a testa.

– A sorte acabou por incapacitá-lo – murmurou ele, desanimado.

Só então apareceu o empregado, do qual havia pouco antes e sem sucesso andado à procura.

– Quer parecer-me que vim aqui para ficar à espera do empregado e não dos comboios, hem? – comentou Silbermann num tom ríspido.

Sentia aversão por tudo o que lhe parecia ser uma atitude negligente; além disso, a sua disposição estava de momento muito pouco afável.

– Queira desculpar-me – respondeu o empregado –, é que na segunda classe havia um senhor que acreditava estar sentado diante de um judeu e desatou a queixar-se. Só que não era judeu nenhum, mas sim um sul-americano. Como sei um pouco de espanhol, vieram chamar-me.

– Tudo bem, tudo bem.

Silbermann ergueu-se. Apertou os lábios de modo que a sua boca já quase só formasse uma linha e os seus olhos cinzentos observaram depois o empregado com um olhar austero.

Este achou por bem apaziguá-lo.

– A sério que não era um judeu... – assegurou ele. Aparentemente tomara Silbermann por um membro deveras rígido do Partido.

– Isso não me interessa. O comboio para Hamburgo já partiu?

O empregado olhou para o relógio pendurado sobre a porta de saída que dava acesso às gares.

– Dezanove e vinte – disse ele, pensando em voz alta –, o comboio para Magdeburgo está a partir agora. O comboio para Hamburgo parte às dezanove e vinte e quatro. Se se apressar, ainda conseguirá apanhá-lo. Quem me dera ter de correr para apanhar um comboio, mas gente como eu...

Usou um guardanapo para afastar algumas migalhas de pão da toalha que cobria a mesa. A seguir, retomando o assunto anterior, declarou:

– Bem, o melhor seria mesmo se os judeus tivessem de usar umas faixas amarelas em redor do braço. Ao menos assim não haveria quaisquer equívocos.

Silbermann observou-o.

– Será que você é mesmo assim tão cruel? – perguntou ele em voz baixa, mas ainda nem acabara de pronunciar as palavras e já se arrependera de ter começado a frase.

O empregado fitou-o, adoptando uma expressão que revelava não ter entendido o que se estava a passar. Era óbvio o seu espanto, mas ainda assim não desconfiou do que quer que fosse, já que Silbermann não exhibia nenhuma das características que, de acordo com a doutrina dos investigadores das questões raciais, permitem reconhecer alguém como judeu.

– A mim tanto me faz – acabou o homem por afirmar, cauteloso. – Mas para os outros seria útil. O meu cunhado, por exemplo, tem um aspecto um pouco judeu, no entanto é ariano, claro está, mas ainda assim tem agora de andar o tempo todo a demonstrá-lo e a explicar-se. Isto assim, a longo prazo, não é coisa que se possa exigir seja a quem for.

– Pois não, com certeza que não se pode – concordou Silbermann. A seguir pagou a conta e foi-se embora.

«Inacreditável», pensou ele, «simplesmente inacreditável...»

Depois de deixar a estação de caminho-de-ferro, entrou num táxi e dirigiu-se para casa. As ruas estavam repletas de gente e reparou na presença de uma grande quantidade de uniformes. Os ardinas anunciavam os respectivos jornais e Silbermann ficou com a impressão de que estes estavam a ter muita saída. Durante um instante ainda considerou a possibilidade de comprar também ele um jornal, mas entretanto desistiu, pois acreditava que as notícias, que presumivelmente eram más e quase de certeza lhe seriam adversas, não tardariam a ser do seu conhecimento.

Após uma breve corrida, o táxi deteve-se diante do prédio onde ele morava. A senhora Friedrichs, a mulher do porteiro, que estava ali na escada, cumprimentou-o com gentileza e, de certo modo, Silbermann alegrou-se ao constatar que a atitude desta se mantinha inalterada. Enquanto ele subia a escada de mármore revestida com uma passadeira de tecido aveludado vermelho,

tomou uma vez mais consciência da manifesta semi-realidade que parecia caracterizar a sua existência – uma ideia que nos últimos tempos tinha vindo a tornar-se um hábito.

«Vivo como se não fosse um judeu», pensou ele, espantado. «Embora neste momento me sinta já ameaçado, sou ainda um cidadão com posses e até agora ileso. Como é que se chegou a isto? Vivo num apartamento moderno, com seis assoalhadas. As pessoas ainda me dirigem a palavra e me tratam como se aqui pertencesse. É quase como se devesse ficar com um peso na consciência, mas ao mesmo tempo dá vontade de esfregar a realidade, o facto de ser judeu, de ser diferente, na cara destes mentirosos, que fingem que ainda sou aquilo que em tempos fui. O que fui? Não, o que sou!? O que sou eu afinal? Um insulto que por aí anda, um insulto que nem sequer tem cara disso nem é reconhecido como tal!

«Já não tenho quaisquer direitos, só por decoro ou por hábito continua a haver quem finja que ainda os tenho. Toda a minha existência assenta tão-só na fraca memória dos que pretendem destruí-la. Esqueceram-se de mim. Já fui aviltado, só que esse aviltamento ainda não ocorreu publicamente.»

Silbermann tirou o chapéu e cumprimentou a esposa do conselheiro Zänkel com um «Bom dia, estimada senhora» quando esta abriu a porta para sair de casa.

– Como vai o senhor? – perguntou ela com um tom amável.

– Em geral, bastante bem. E a senhora, como vai?

– Razoavelmente bem, obrigada. Como seria de esperar numa senhora de idade.

Estendeu-lhe a mão, em sinal de despedida.

– Devem ser tempos difíceis para si – acrescentou ainda, num tom compadecido –, tempos terríveis...

Silbermann contentou-se em esboçar um ligeiro e atencioso sorriso, tão cauteloso quanto pensativo, nem de concordância nem de desaprovação.

– No fundo, é um papel bem estranho, este que nos foi atribuído... – disse ele por fim.

– No entanto, são também tempos grandiosos... – consolou-o ela. – Cometer-se-á porventura uma injustiça consigo, mas ainda assim deverá perseverar, mostrar-se justo e compreensivo.

– Não estará por acaso a exigir demasiado, estimada senhora? – perguntou Silbermann. – De resto, eu já nem sequer penso. Desacostumei-me disso. É a melhor maneira de suportar isto.

– A si ninguém jamais irá fazer mal – assegurou ela.

Ao acabar de dizê-lo, bateu de modo resoluto num degrau da escada com o chapéu que segurava firmemente na mão direita, como se assim quisesse dar a entender que jamais permitiria que alguém se chegasse demasiado perto dele. A seguir, num gesto de encorajamento, acenou-lhe com a cabeça, após o que se afastou.

Chegado a casa, Silbermann tratou logo de se informar junto da empregada se o senhor Findler já ali estava, ao que esta respondeu que sim. Depois de pousar apressadamente o chapéu e o sobretudo, entrou no escritório, onde o seu visitante já o aguardava.

Theo Findler estava de pé, diante de um quadro, que observava com uma expressão deveras mal-humorada. Ao ouvir a porta abrir-se, virou-se rapidamente e sorriu para Silbermann.

– Então? – inquiriu ele, tornando-se visíveis na sua testa, como sempre acontecia quando falava, umas rugas profundas que, segundo acreditava, lhe conferiam um ar importante. – Como vai tudo, meu caro? Já receava que lhe pudesse ter acontecido alguma coisa. Nunca se sabe... Já pensou na minha última oferta? Como vai a sua senhora? Ainda hoje não a vi. E o Becker seguiu então para Hamburgo, certo?

Findler inspirou fundo, pois o seu monólogo ainda mal tinha começado.

– Vocês os dois são gente competente! Têm muito a ensinar a outros. Esse Becker tem cá uma cabecinha, como se fosse judeu... Ah, pois, ele há-de safar-se, há-de safar-se! Não me importava nada de ter participado no negócio, mas agora é tarde, demasiado tarde, não é assim?... De resto, onde foi desencantar estas pinturas medonhas? Não entendo como é que se pode pendurar uma coisa assim. Não há nisto qualquer sentido de ordem, você saiu-me um

belo de um bolchevique cultural! Mas olhe que não coloco nem mais uma nota de mil marcos na oferta que já lhe fiz. Nem pensar nisso, não posso mesmo.

«Você toma-me por um homem rico. É o que toda a gente acha. Se eu soubesse onde as pessoas foram buscar essa ideia... Até dinheiro de impostos eu devo! E, a propósito de impostos, consegue arranjar-me ou então indicar-me um revisor de contas capaz? Até percebo um pouco dessa matéria, mas não tenho tempo para me dedicar a isso como seria necessário. Os impostos, esses malditos impostos... Mas, diga-me lá, será que me cabe a mim sustentar sozinho todo o Império Alemão? Será?

«E você, não tem nada para me dizer? Como é? Já pensou melhor no assunto? Sempre aceita a oferta? Bem, a sua mulher deve ter alguma coisa contra mim. Nem sequer deixa que se lhe ponha a vista em cima. Não percebo isso. Será que me leva a mal que, no outro dia à noite, não o tenhamos cumprimentado? Homessa, era óbvio que não podíamos mesmo! O sítio estava repleto de nazis! A minha mulher bem disse a seguir que deveríamos tê-lo cumprimentado. Eu cá tratei de lhe responder que o Silbermann é uma pessoa perfeitamente sensata. Ele há-de entender que eu não me posso comprometer por causa dele, não é assim?

«Ora bem, Silbermann, vá, desembuche lá de uma vez! Sempre quer vender a casa ou afinal não quer?»

Findler parecia ter dito tudo o que tinha para dizer; em todo o caso, olhou para Silbermann com um ar esperançoso. Sentaram-se diante da mesa de fumo, mas Findler deveria ter-se deixado cair sobre o assento da poltrona de modo demasiado abrupto, pois exibiu no rosto uma expressão de dor, ainda que extremamente concentrada, enquanto esfregava a anca esquerda.

— Noventa mil — declarou então Silbermann, sem sequer reagir às muitas perguntas e observações que, sabia-o bem, o outro inserira no seu discurso com o intuito de confundir-lo. — Trinta mil em numerário, o restante mais tarde, assegurado por uma hipoteca.

Findler levantou-se de repente, como se tivesse recebido um choque eléctrico.

– Não se ponha para aí com histórias! – exclamou ele, quase ofendido. – Vamo-nos lá deixar de andar a contar piadas um ao outro. Quinze mil batidos agora aqui, em cima desta mesa, está a entender? Ora esta, trinta mil! Fique a saber que se tivesse trinta mil marcos assim à disposição, teria coisas melhores para fazer com eles do que me pôr a comprar a sua casa. Trinta mil marcos...!

– Vá, tenha mas é em conta o rendimento que ainda vai ter com as rendas. Uma vez que, assim como assim, o preço de compra já é ridículo, preciso ao menos de receber uma entrada decente. A casa vale duzentos mil marcos, você está a comprá-la...

– A casa vale isto, vale aquilo... – interrompeu Findler. – E eu, quanto acha que eu valho? Não valho nada nem ninguém paga por mim seja o que for. Por mim ninguém punha na mesa uma nota de mil marcos que fosse. Sou invendível. E com a sua casa acontece o mesmo. Ah, Silbermann! Digo-lhe isto com toda a amizade: eu fico-lhe com a sua casita. E se não for eu, há-de ser o Estado a ficar-lhe com ela. E esse não lhe dá nem cinco cêntimos.

Vindo da sala ao lado, fez-se escutar o ruído da campainha do telefone. Durante alguns instantes, Silbermann ponderou se deveria ele mesmo ir atendê-lo, levantou-se então de um pulo, pediu desculpa a Findler e deixou a sala.

«Irei acabar por aceitar», pensou ele, enquanto pegava no auscultador. «No fundo, o Findler ainda é um tipo relativamente decente.»

– Sim, quem fala?

Era da central telefónica internacional.

– Mantenha-se em linha, irá receber uma chamada de Paris – disse a telefonista com uma certa frieza na voz.

Agitado, Silbermann acendeu um cigarro.

– Elfriede – chamou ele a meia voz.

A sua mulher, que tal como ele suspeitava se deixara ficar na sala de estar, veio ter com ele, abrindo a porta e fechando-a silenciosamente atrás de si.

– Bom dia, Elfriede – cumprimentou-a ele, tapando com a mão o bocal do telefone –, cheguei há cerca de cinco minutos, está ali o senhor Findler. Não queres ir falar com ele?

Ela aproximou o seu rosto do do marido e, de fugida, trocaram um beijo.

— É o Eduard — sussurrou ele —, o telefonema chegou numa altura bastante inconveniente. Por favor, vai fazer conversa com o Findler, senão ele põe-se à escuta. Já pouco falta para ser crime estar ao telefone com Paris.

— Manda saudades minhas ao Eduard — pediu-lhe ela. — Queria tanto trocar umas palavras com ele.

— Está fora de questão — recusou Silbermann. — As ligações estão todas sob escuta. És demasiado descuidada, não tardarias a dizer o que não deves.

— Mas com certeza poderei dar os bons-dias ao meu filho, não?

— Não podes mesmo... Por favor, vê se entendes.

Ela dirigiu-lhe um olhar suplicante.

— Só duas ou três palavras — pediu ela —, eu tenho atenção ao que digo.

— Não pode ser — insistiu ele, num tom decidido.

— Estou sim? Estou... Eduard? Bom dia, Eduard...

A mão dele não parava de apontar para a porta que dava para o escritório. Ela afastou-se.

— Escuta lá — disse Silbermann, retomando a conversa telefónica —, conseguiste a autorização para nós?

La falando muito devagar e ponderando bem cada palavra antes de pronunciá-la.

— Não — respondeu Eduard do outro lado da linha. — É extraordinariamente difícil. Não contem como certo que vão conseguir obter o consentimento. Estou a tentar de tudo, mas...

Silbermann pigarreou. Achou que deveria adoptar uma atitude mais enérgica.

— Assim é que a coisa não pode ser — declarou. — Ou te esforças por isto ou não te esforças de todo! Creio que estarás a par da importância do que aqui está em jogo... Esse tom de desalento é que não me serve de nada.

— Pai, estás a sobrestimar as minhas capacidades... — respondeu Eduard, sentindo-se atingido. — Ainda há meio ano teria sido

muito mais fácil. Mas nessa altura tu não quiseste. Bem vistas as coisas, a culpa não é minha.

– E achas que o importante aqui é saber de quem é a culpa? – perguntou Silbermann, já furioso. – Tens de tratar de conseguir essa autorização. Passo bem sem estas tuas pérolas de sabedoria.

– Ora escuta lá, pai – disse então Eduard, indignado. – Exiges que eu suba ao céu para recolher estrelas e vocíferas porque ainda não tas mandei!... Mas afinal como estão vocês? Como está a mãe? Por favor manda-lhe saudades minhas. Gostava de poder falar com ela.

– Trata de conseguir a autorização o mais depressa possível – repetiu Silbermann, num tom insistente. – Não te exijo mais do que isso! A mãe manda-te saudades, do fundo do coração. Infelizmente não pode vir agora falar contigo...

– Enfim, cá arranjarei maneira de conseguir isso – respondeu Eduard. – Em todo o caso, estou a tentar de tudo.

Silbermann pousou o auscultador.

«É a primeira vez na vida que peço alguma coisa ao meu filho», pensou ele aborrecido e decepcionado. «De certeza que não vai conseguir! Se tivesse um amigo em Paris, com quem costumasse fazer negócios, ele conseguiria de certeza uma autorização de entrada num par de dias, mas o Eduard... Não posso exigir-lho. Simplesmente não está habituado a ter de fazer por nós seja o que for. Estive sempre disponível para ele, e agora é-lhe difícil trocar de papéis. O Eduard está habituado a que eu o ajude, mas eis que sou eu que lhe exijo ajuda. Esta nova atribuição de tarefas não lhe agrada!»

A seguir Silbermann abanou a cabeça, envergonhado com as suas reflexões.

«Estou a ser injusto», pensou. «E, pior do que isso, estou a ser sentimental.»

Regressou ao escritório.

– Estava precisamente a explicar à sua mulher – dirigiu-se-lhe Findler – que é muito pouco prudente da sua parte continuar a frequentar os locais de sempre. Se calha a encontrar um conhecido

que lhe guarde algum ressentimento, pode vir a experimentar grandes dissabores. A sua mulher é ariana, por isso pode ir a todo o lado, mas você... Deus sabe que estou a dizer-lhe isto para seu bem, não aplaudo de todo as circunstâncias que tornam necessários tais conselhos. O melhor será manter-se por casa ou visitar conhecidos. É certo que nas suas feições não se reconhecem traços judeus, mas não vá o Diabo tecê-las... E, de resto, como está o seu filhote? Tratou de se pôr a mexer a tempo e horas, não foi? Ah, pois é. Enfim, são tempos estranhos. Então?

– Escute lá, Findler – retomou então Silbermann –, eu deixei-lhe a casa por vinte mil marcos de entrada, para ver se finalmente damos a coisa por concluída.

– Não esteja para aí a dizer disparates. Porque haveria de querer fazer pouco do seu velho amigo Findler? Assim como assim, chegado à fronteira, o dinheiro ser-lhe-á confiscado. Por consideração para consigo ainda seria capaz de lhe pagar mais uns quantos marcos acima do valor que, na verdade, a sua casita tem para mim, mas se com isso estiver apenas a fazer um jeitinho ao estado da Prússia, nem pensar...

– Não faço por enquanto qualquer tenção de deixar a Alemanha.

– Ah, meus caros, façam como melhor entenderem. Eu cá desejo-vos coisa melhor do que as circunstâncias actuais têm para vos oferecer. O sangue judeu promove a coesão do povo alemão. Mas por que razão haveria logo o meu amigo Silbermann de vir a servir de cola? Não consigo entendê-lo. Que se salve quem puder. Já isso, entendo-o perfeitamente.

– Não se estará a cometer um crime tremendo contra os judeus? – perguntou a senhora Silbermann, a quem a frase «O sangue judeu promove a coesão do povo alemão» provocara horror e que ainda não perdera o hábito de tentar encontrar um sentido moral em tudo o que ocorria.

– Certamente – respondeu Findler num tom seco. – Há muita coisa ruim a acontecer neste mundo. E também alguma coisa boa. Ora a uns ora a outros. Um é tuberculoso, o outro é judeu e os que são mais azarados são as duas coisas ao mesmo tempo. É assim

mesmo... Tem ideia dos azares que já tive ao longo da minha vida? Não há nada a fazer a esse respeito.

– Já sabia que não é particularmente provido de tacto, senhor Findler – declarou a senhora Silbermann, indignada –, mas desconhecia essa sua frieza de emoções, essa sua... – Elfriede engoliu a palavra «brutalidade». – Essa sua indiferença é para mim uma total novidade.

Findler sorriu, impassível.

– Quero bem à minha mulher e à minha filhinha. Com o resto da humanidade tudo não passa de uma troca comercial. Ora aí tem um resumo da minha relação com o mundo que me rodeia. Não amo os judeus nem tão-pouco os odeio. São-me indiferentes, mas admiro-os por serem uns comerciantes excelentes. Lamento que estejam a ser vítimas de injustiça, mas também não é coisa que me surpreenda. O mundo é assim mesmo. Fracassam aqueles a quem calha a vez de fracassar, ao passo que os outros se saem bem.

– E se você fosse judeu?

– A verdade é que não sou! Desacostumei-me de quebrar a cabeça a pensar em coisas que poderiam ser. Já me basta aquilo que as coisas são.

– Será que nunca pensa senão em si? Não consegue sentir empatia pela tragédia com que outros se deparam?

– E quem se preocupa comigo quando sou eu a ter azar? Ninguém! O Theo Findler não pode contar com mais ninguém a não ser o Theo Findler. E os dois têm de se manter unidos, como unha e carne. Ah, pois é!

– E afirma você que quer bem à sua mulher e à sua filha... – disse a senhora Silbermann, perdendo cada vez mais a calma. – Quem se mostra assim tão brutalmente indiferente também não poderá...

– Escute lá, estimada senhora, isto já está a ir longe demais. É verdade que tenho uma pele bem grossa e consigo aguentar muita coisa, mas olhe que não aprecio ser ofendido!

A senhora Silbermann pôs-se de pé.

– Vai ter de desculpar-me... – despediu-se ela de Findler com toda a frieza, após o que abandonou a divisão.

– Meu Deus, como vocês são sensíveis! – exclamou Findler, a rir. – Santo Deus! Um tipo honrado, assim como eu sou, muita coisa tem ele de ouvir, não é assim? Mas voltemos ao negócio! Como é que é? Como é que ficamos? Então?

O telefone voltou a tocar.

– Vinte mil – exigiu Silbermann – e o resto mais tarde, assegurado por hipoteca.

A porta abriu-se e a senhora Silbermann, aparentemente bastante agitada, pediu ao marido que viesse ter consigo à divisão adjacente, o qual não se mostrou nada entusiasmado por a conversa ter sido de novo interrompida.

– Pense nisso – disse ele a Findler, enquanto saía do escritório.

– Que se passa, Elfriede? – perguntou à mulher.

Esta apontou para o telefone.

– É a tua irmã. Fala tu com ela. Ela conta-te tudo...

Silbermann agarrou o auscultador.

– Hilde?

– S-sim? – gaguejou a irmã, agitada. – O Günther foi detido! Tal foi a surpresa que momentaneamente Silbermann ficou sem saber o que haveria de dizer.

– Como assim? – perguntou por fim. – Que aconteceu?

– Todos os judeus estão a ser detidos.

Silbermann puxou uma cadeira para junto de si e teve de sentar-se.

– Acalma-te, por favor, Hilde – aconselhou ele. – Tem de ser um erro. Conta-me lá tudo outra vez, mas com calma...

– Não há tempo para isso. Liguei-te para te avisar. No nosso prédio prenderam quatro homens. Ah, se ao menos eu soubesse o que está a acontecer ao Günther.

– Mas isso não pode ser! Não se vai assim a casa de gente respeitável buscar seja quem for! É claro que não se pode fazer isso!

Calou-se. «É claro que se pode», pensou de seguida. «É pode mesmo.»

– Queres que vá ter contigo? – perguntou ele, passados alguns instantes. – Ou queres tu vir ter connosco?

– Não, eu não vou deixar o apartamento, fico aqui. E tu também não deves vir, não serve de nada. Adeus, Otto... – despediu-se a irmã, desligando a seguir a chamada.

Silbermann olhou para a mulher, transtornado.

– Imagina – sussurrou ele –, todos os judeus estão a ser presos! Talvez seja apenas uma acção intimidatória, uma medida temporária. Seja como for, o Günther foi detido, mas isso tu já sabes.

Silbermann fez uma breve pausa.

– Que haveremos de fazer? Qual será a atitude certa a tomar, Elfriede? Deverei permanecer aqui? Talvez se esqueçam de mim. Nunca antes fui importunado assim a sério. Se ao menos o Becker cá estivesse. Esse tem todo o tipo de ligações no Partido. Poderia intervir, em caso de necessidade. Enfim, se as ordens de detenção vierem de cima, ele não vai poder fazer nada. E até ele regressar de Hamburgo, bem poderei ter já sido morto à pancada por engano. Ah, que disparate! Não me há-de acontecer nada. Na pior das hipóteses telefonas para o Becker e pedes-lhe que regresse de imediato.

– Há meio ano ainda teríamos conseguido sair da Alemanha – declarou a sua mulher, falando devagar. – Foi por minha causa que ficámos, por eu não conseguir desligar-me disto. Se agora te acontecer alguma coisa, a culpa será inteiramente minha. Quiseste sair, mas eu...

– Ah, deixa-te disso! – exclamou ele, rejeitando as auto-acusações da mulher. – Nesta situação nenhum de nós tem culpa. Se alguém se esqueceu de vestir um colete antibalas a tempo, será sua a culpa de ter sido morto a tiro? Esta conversa é um disparate. Além do mais, tu própria eras mais a favor de irmos embora do que eu. Se dependesse de ti, já estaríamos longe daqui. Mais facilmente te separavas da tua família do que eu dos meus negócios. Enfim, não foi possível e pronto. O porquê e o como são agora perfeitamente irrelevantes.

Silbermann deu um beijo à mulher, regressando de seguida para junto de Fidler. Fez um esforço por parecer tão calmo e senhor

de si como estivera antes, mas houve qualquer coisa na expressão do seu rosto, uma tensão demasiado evidente, um sorriso que pareceu forçado, que deixou o outro desconfiado.

– Há novidades, não é assim? – quis saber Findler. – Más notícias?

– Assuntos familiares – respondeu Silbermann, voltando a sentar-se junto do outro.

– Pois é... – disse Findler, arrastando as palavras, enquanto a sua testa se franziu e formou ainda mais rugas do que as costumeiras. – Então, decerto são más as notícias, não é assim? Quando dizem respeito à família, as notícias são sempre más. Sei como é.

Silbermann abriu o maço de cigarros que estava em cima da mesa.

– Voltamos ao nosso negócio? – perguntou, tão calmo quanto lhe foi possível.

– Muito bem... – retomou Findler. – Embora, na verdade, ele já pouco me atraía. Nem sequer sei se ainda se pode adquirir bens imóveis a judeus. Não faço a mínima ideia. Se dependesse de si, antes mesmo de eu conseguir contar até três, já você me estava a trapacear, não é assim?

Aquele eterno «não é assim», repleto de presunção e de auto-complacência, ia paulatinamente conduzindo Silbermann a um ponto em que começava a desesperar.

– Quer comprar a casa ou quer falar acerca da compra da casa? Que quer afinal?

– Ai... – queixou-se Findler, enquanto alongava o corpo, ainda sentado na poltrona. – Ainda há pouco dei um jeito na anca. Que estava você a dizer? Ah, sim... Não acha melhor esperarmos, para ver que novas disposições legais aí virão? Isto assim é demasiado arriscado para mim. Compro uma casa e depois nem sequer posso chamar-lhe minha. Sabe-se lá quais os planos que o Estado ainda tem em relação a vocês judeus.

– Então quinze mil!

– Não sei, Silbermann, realmente não faço a mínima ideia se deverei seguir em frente ou não. Se lhe aprouver, começamos

por aguardar ainda um par de semanas. Se entretanto não surgir nada, poderei então comprar-lhe a casa. Até lá, porém, preciso mesmo de falar com o meu advogado.

– Mas há dez minutos...

– Enfim, entretanto comecei a ficar com dúvidas. Não quero que você venha a arranjar problemas por estar a vender a casa. Mas, acima de tudo, não quero eu próprio vir a tê-los.

– Bem, para concluirmos isto, a casa é sua por catorze mil marcos, pagos como entrada, mas vamos ter de chegar a um acordo agora.

– Ah, sim? Pois... Voltamos a falar sobre isto amanhã, pode ser? Catorze mil marcos ainda é uma pipa de massa, em relação a isso não há qualquer dúvida! Não sou um monstro cruel, também não quero receber nada de mão beijada. No entanto, impõe-se a pergunta: será que a casa vale para mim sequer os catorze mil marcos de entrada? Independentemente de tudo o resto, é claro que o pagamento só seria efectuado depois do acto notarial e da inscrição no registo predial. E, em caso de força maior, o contrato celebrado seria obviamente nulo. Catorze mil marcos... Considera que seria para mim um bom negócio se hoje, aqui e agora, chegássemos a um acordo e fechássemos a coisa com um aperto de mão?

– Há pouco queria uma entrada de quinze mil marcos e agora, por catorze mil, ainda fica a ponderar?

– Estou a pensar que, com esse dinheiro, se poderia fazer outros negócios, talvez até melhores. Nesta vida cabe a cada um de nós zelar pelos seus próprios interesses, não é assim?

Satisfeito consigo mesmo, concluiu com um suspiro.

Silbermann levantou-se num instante.

– É óbvio que não tenho qualquer influência sobre a sua decisão – afirmou ele, bastante indignado. – No entanto, e uma vez que não disponho agora de mais tempo, ficaria agradecido se pudesse tomá-la já. Caso contrário, queira por favor considerar a minha proposta sem efeito. Nem sequer tenho certezas da seriedade do seu interesse em comprar.

– Não seja assim tão desagradável – retorquiu Findler, num tom mal-humorado. – Sempre soube que vocês, os judeus, não prestam assim tanto para negociar, sobretudo se depararem com alguém à altura... Não é assim?

Silbermann apercebeu-se do orgulho com que Findler desfrutava dos seus esforços de agiotagem. Tinha já na ponta da língua uma réplica bastante contundente, mais ou menos no sentido de que ele, Silbermann, não era em todo o caso capaz de concorrer com extorsionários, nem tão-pouco queria sê-lo, além de que estava habituado a conduzir os seus negócios com decência. Porém, em certas situações até mesmo o menos engenhoso dos trapaceiros levava, no fim de contas, a melhor sobre a mais inteligente e mais decente das pessoas.

O certo é que não só não teve oportunidade de dirigir a Findler as grosserias que lhe passaram pela cabeça, como também não pôde, opção essa bem mais sensata, responder-lhe num tom mais ameno e suavizado, pois de repente ouviu-se a campainha a ser accionada com grande veemência. Sem sequer reparar na expressão de espanto no rosto do visitante ou lhe dirigir qualquer pedido de desculpas por se ausentar, Silbermann apressou-se a abandonar o escritório. Já no corredor, encontrou a sua mulher.

– Tens de te ir embora – sussurrou ela, agitada.

– Não, nem pensar, não posso deixar-te aqui sozinha!

Como não sabia o que fazer, ele encaminhou-se para a porta de entrada. Ela deteve-o.

– A mim nada irá acontecer se te fores embora – assegurou ela, pondo-se à frente dele para não o deixar passar. – Dorme hoje num hotel. Vá, despacha-te... Vai...

Silbermann reflectiu. A campainha voltou a soar, ouviu-se o som de punhos a bater na porta.

– Abre, judeu! Abre! – berraram várias vozes do outro lado, em alvoroço.

Silbermann ficou de queixo caído e a olhar fixamente para a porta, como que paralisado.

– Vou buscar o revólver – anunciou ele de modo quase inaudível. – O primeiro que me entrar casa adentro é abatido a tiro! Ninguém tem o direito de invadir assim uma casa.

Quis afastar a mulher, para poder dirigir-se ao quarto de dormir.

– Isso é o que vamos ver – disse ele –, isso é o que vamos ver...

Voltaram a ouvir-se punhos a martelar a porta do apartamento e o estridor da campainha.

– Então? – quis saber Findler, que viera ter com eles ao corredor depois de ouvir tal algazarra. – Que se passa aqui afinal? Mas isto é de loucos. Se estes tipos me apanham aqui, no meio do entusiasmo ainda acham que também sou judeu e partem-me os dentes todos.

Passou delicadamente a mão pela boca.

– Não tem uma porta dos fundos? – perguntou ele então a Silbermann, que ficara parado e o fitava, como se dele esperasse um conselho ou uma qualquer ajuda. – E pode ir impingir a sua maldita casa a outro qualquer, raios o partam! – acrescentou ainda.

– Vou buscar o meu revólver – repetiu Silbermann de modo mecânico – e abato a tiro o primeiro que me entrar pela casa!

– Ora, ora... – interveio Theo Findler, tentando quietá-lo. – Vamos lá manter a calma. O melhor é ir-se embora. Eu falo com esta gente. Trate lá de tentar sair pela porta dos fundos. Fico-lhe com a casa por dez mil. De acordo?

– Você é... Está bem, pode ser, combinado.

– Vá, trate lá então de se ir embora! Ainda preciso de si vivo para ir ao notário.

– Vai-te embora! – implorou a mulher.

A campainha continuava a fazer-se ouvir. Silbermann ficou surpreendido por não tentarem arrombar a porta ao pontapé.

– E que vai ser da minha mulher? – perguntou ele, desorientado.

– Vá, confie em mim! – anunciou Findler, de peito inchado. – Eu trato de tudo! Veja se se vai embora daqui de uma vez!

– Se acontecer alguma coisa à minha mulher... não lhe vendo a casa!

– Sim, sim... – tranquilizou-o Findler. – Se não desaparecer agora, estará a pôr a sua mulher em perigo. E a mim também!

Compôs o casaco, alisando-o, passou a mão direita sobre os cabelos eriçados, inspirou profundamente e dirigiu-se para a porta.

– E então? – perguntou com uma voz retumbante. – Que se passa aqui?

– Abre, judeu!

– Já alguma vez viram um dirigente político do Partido que fosse judeu? – perguntou Findler com um tom áspero.

– Cala a boca, canalha, e abre isto!

Findler olhou para o lado, assegurou-se de que Silbermann, depois de pôr o chapéu e vestir o casaco, já deixara o corredor, fez sinal à senhora Silbermann para se esconder numa das divisões e berrou então:

– Sou membro do Partido! – Abriu bruscamente a porta. – Aqui não há judeu nenhum! – anunciou ele.

Diante dele estavam uns seis ou sete tipos jovens. Por momentos, ficaram intimidados pela imponência daquela sua aparição de rompante. Findler levou a mão ao bolso do peito do casaco, para retirar de lá a sua caderneta de membro do Partido.

– Os judeus são todos uns mentirosos – disse um dos jovens que tinha à sua frente. – O Silbermann é camarada do Partido... Um descarado, este judeu!

– Mas eu não sou o Silber...

Theo Findler foi-se abaixo e caiu no chão. Um dos tipos acabara de lhe aplicar uma joelhada no abdómen.

Otto Silbermann é um respeitado comerciante judeu cuja vida muda drasticamente com a ascensão do nazismo. Surpreendido pelo clima de perseguição subsequente aos acontecimentos que ficariam marcados para a História como a «Noite de Cristal», Silbermann vê-se obrigado a escapar, deixando tudo para trás: a sua casa, a mulher e os negócios. Com toda a sua fortuna dentro de uma pasta, sem nenhum lugar para onde ir e ninguém que o queira auxiliar, Silbermann é agora um proscrito, um fugitivo. Resta-lhe comprar sucessivos bilhetes de comboio e viajar sem destino certo, em busca de uma qualquer saída para a sua absurda situação. Torna-se um passageiro.

Traduzido discretamente em língua inglesa numa versão não corrigida e esquecido num arquivo da Biblioteca Nacional Alemã, o manuscrito original de *O Passageiro* só foi redescoberto recentemente, quase oito décadas depois, e por fim editado na sua versão definitiva, tornando-se um verdadeiro caso literário internacional.

Tenso e vertiginoso, carregado de humor cáustico, *O Passageiro* respira a atmosfera labiríntica e angustiante de Kafka, ao mesmo tempo que evoca um dos mais negros períodos da História europeia.

**«Boschwitz foi um observador sagaz do seu tempo.
O *Passageiro* deveria ter sido lido na altura em que foi escrito.
E decerto que deve ser lido agora.»**

THE GUARDIAN

ISBN 978-989-564-211-3
9 789895 642113



cavalo de ferro